



“Olho por olho, dente por dente”, avisa o Irã

Em meio a intensos bombardeios, Teerã desafia Washington e ameaça impedir a exportação de petróleo do Golfo pelo Estreito de Ormuz. Donald Trump insta a República Islâmica a retirar minas eventualmente colocadas na via marítima

Estados Unidos e Irã elevaram, ontem, o tom das ameaças um dia depois de o presidente Donald Trump anunciar o fim próximo da guerra no país do Oriente Médio, que entra, hoje, no 12º dia. Enquanto, em Washington, o chefe do Pentágono, Pete Hegseth, anunciou bombardeios sem precedentes ao território iraniano, realizados à noite, Teerã assumiu uma postura ainda mais desafiadora: avisou que não permitirá a exportação de sequer um litro de petróleo do Golfo e enviou uma ameaça direta ao chefe da Casa Branca.

"O Irã não se assusta com suas ameaças vazias. Outros mais poderosos que você tentaram eliminar a nação iraniana e não conseguiram. Cuide-se você para não ser eliminado!", assinalou o chefe do Conselho de Segurança do Irã, Ali Larjani, numa postagem na rede X dirigida a Trump. Por sua vez, o presidente do Parlamento, Mohammad-Bagher Ghalibaf, prometeu dar uma resposta "olho por olho, dente por dente" aos ataques contra as infraestruturas iranianas.

Foi uma reação às declarações de Trump no dia anterior, quando ele afirmou que a guerra terminaria "em breve", mas atingiria o Irã "com muita, muita força" se continuasse bloqueando as remessas de petróleo pelo Estreito de Ormuz, por onde passam 20% do petróleo e gás natural liquefeito consumidos no mundo.

"As forças armadas iranianas não permitirão a exportação de um único litro de petróleo da região para a parte hostil e seus aliados até novo aviso", respondeu Ali Mohammad Naini, porta-voz da Guarda Revolucionária, o exército ideológico do Irã.

Explosivos

Após a manifestação de Naini, Trump instou Teerã a não posicionar minas explosivas na via marítima. "Se, por qualquer motivo, forem colocadas e não forem retiradas de imediato, as consequências militares para o Irã serão de um nível jamais visto", disse Trump em uma postagem em sua plataforma, Truth Social. "Se, ao contrário, retirarem o que tenham podido colocar, será um passo gigantesco na direção certa!", acrescentou.

Trump assinalou que os Estados Unidos estão dispostos a usar o mesmo tipo de mísseis com os quais explodiram supostas embarcações usadas pelo narcotráfico em águas latino-americanas para "eliminar de forma permanente" qualquer embarcação que colocar minas no estreito do Golfo. "Serão tratados de forma rápida e violenta. CUIDADO!", publicou, depois que a emissora CNN reportou que o Irã começou a fazer tal procedimento. De acordo com o Comando Central dos EUA, 16 navios carregados de minas foram destruídos nas proximidades do Estreito de Ormuz.

Alta nos preços

O bloqueio irrestrito causa preocupação nos mercados, que temem uma forte alta nos preços. Os comentários de Trump sobre o fim do conflito, no fim da tarde de segunda-feira, provocaram uma queda acentuada nos preços do petróleo, que ficaram, ontem, entre US\$ 86 e US\$ 90 o barril (R\$ 448 e R\$ 469), e uma recuperação nas bolsas de valores, tanto na Ásia,

AFP



Outdoor em Teerã mostra Ali Khamenei entregando a bandeira do país ao filho Mojtaba, novo líder supremo, sob o olhar de Khomeini

AFP/US Central Command



Embarcação iraniana antes de ser atingida por míssil em Ormuz

no fechamento, quanto na Europa, na abertura. Os preços do gás na Europa também caíram cerca de 15%.

Para aliviar a pressão sobre os preços do petróleo, Trump também anunciou na ocasião, sem dar muitos detalhes, que suspenderia as sanções relacionadas ao produto contra alguns países. O aumento dos preços causou agitação em todo o mundo. Em muitos países asiáticos, longas filas foram observadas em postos de gasolina.

Na Europa, os nervos estão à flor da pele. A União Europeia recomendou baixar os impostos sobre a energia para compensar o aumento dos preços, e o chanceler alemão, Friedrich Merz, pediu que se evite "uma guerra sem fim". A Agência Internacional de Energia (AIE) convocou, nesta terça, "uma reunião extraordinária" para avaliar se é necessário recorrer a estoques estratégicos de hidrocarbonetos.

O presidente e CEO da petroleira saudita Aramco, Amin H. Nasser, afirmou que a retomada do tráfego no Estreito de Ormuz é "absolutamente

crucial" e advertiu para as "consequências catastróficas" que um bloqueio prolongado poderia trazer.

Apesar das declarações de Trump, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, ressaltou, ontem, que "ainda" não terminou "o trabalho" no Irã. E ressaltou que a ofensiva está "quebrando os ossos" da República Islâmica.

Washington tem defendido a mudança de regime ou, na falta disso, a formação de um governo

AFP



Densa nuvem de fumaça após ataque na capital iraniana

Se, por qualquer motivo, forem colocadas minas (no Estreito de Ormuz) e não forem retiradas de imediato, as consequências militares para o Irã serão de um nível jamais visto"

Donald Trump, presidente dos EUA em postagem na Truth Social

em Teerã alinhado aos seus interesses. Também na segunda-feira, Trump se disse "insatisfeito" com a nomeação como líder supremo de Mojtaba Khamenei, filho de Ali Khamenei, assassinado em 28 de fevereiro, primeiro dia da campanha militar israelense-americana.

Dois dias após a eleição, Mojtaba, cuja esposa também foi assassinada, não havia aparecido em público. A única informação sobre o herdeiro de Khamenei, divulgada em uma

reportagem da TV pública, foi que ele "ficou ferido" na guerra.

O governo Trump alega querer destruir as capacidades balísticas do Irã e impedi-lo de desenvolver armas nucleares. Teerã nega ter essa intenção.

Enquanto isso, a República Islâmica mantém seus bombardeios de retaliação contra o território israelense e a infraestrutura petrolífera de seus vizinhos na região do Golfo. Os Emirados Árabes Unidos relataram que um ataque com drone causou um incêndio em uma área industrial, enquanto o Kuwait e a Arábia Saudita afirmaram ter derrubado veículos aéreos não tripulados. As autoridades do Bahrein relataram duas mortes em um bombardeio contra um prédio residencial.

Na frente de batalha do Líbano, Israel voltou a bombardear o sul e o leste do país, informou a agência nacional de notícias ANI. Os ataques israelenses deixaram ao menos 486 mortos e mais de meio milhão de deslocados, segundo as autoridades libanesas.



As forças armadas iranianas não permitirão a exportação de um único litro de petróleo da região para a parte hostil e seus aliados até novo aviso"

Ali Mohammad Naini, porta-voz da Guarda Revolucionária

Escolta desmentida

A Casa Branca se viu obrigada, ontem, a desmentir que os Estados Unidos tenham escolhido qualquer petroleiro através do Estreito de Ormuz, depois de uma publicação nesse sentido nas redes sociais do secretário de Energia, Chris Wright. A publicação foi apagada logo depois, mas teve grande repercussão nos mercados.

"Posso confirmar que a Marinha dos Estados Unidos não escolheu nenhum navio-tanque ou embarcação até o momento, embora, é claro, seja uma opção", disse a porta-voz da Casa Branca, Karoline Leavitt, em coletiva de imprensa.

Teerã também refutou a publicação de Wright. "A Marinha dos EUA escoltou com sucesso um petroleiro pelo Estreito de Ormuz para garantir que o petróleo continue chegando aos mercados globais", anunciou o secretário em um vídeo publicado em sua conta no X.

Um porta-voz do Departamento de Energia disse à agência de notícias France Presse que a postagem foi retirada porque se verificou que o vídeo foi "legado de forma incorreta".

Os mercados haviam reagido favoravelmente ao anúncio da escolta na via marítima, por onde transita 20% da produção mundial de petróleo e de gás natural liquefeito (GNL). Desde 2 de março foi detectada a travessia de mais de 20 navios comerciais pelo estreito, segundo uma análise da agência de notícias France Presse (AFP) baseada em dados da Marine Traffic.

Outros atravessaram Ormuz com os transponders desligados para ocultar sua posição e, às vezes, só voltam a aparecer nos sistemas de rastreamento marítimo quando já saíram da região.

Dos navios que transmitiram ao menos um sinal enquanto tentavam a travessia, a AFP contabilizou nove petroleiros e dois navios de GNL. Antes da guerra, uma média diária de 138 navios transitava pelo Estreito de Ormuz.